

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 7 DE SETEMBRO DE 1999

*Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhor Ministro Paulo Renato;
Senhoras e Senhores professores, alunos e alunas premiados no III Encontro Cívico; Senhoras e Senhores,*

O Ministro Paulo Renato já disse que este é o terceiro ano consecutivo em que nós, de uma maneira singela, juntamos às comemorações do 7 de Setembro, que é o Dia da Pátria, uma referência especial aos nossos estudantes e às nossas professoras.

Isso tem, realmente, um significado importante para todos nós. Aqui, eu vi várias frases, algumas ouvi, outras tentei ler. No fundo, todas elas dizem mais ou menos a mesma coisa: sem cidadania e sem ética não se constrói uma nação.

O modo espontâneo como as crianças disseram, da Amazônia, de Parintins, ou de Ubaté, em São Paulo, ou de onde seja – de Frederico Westphalen –, de vários lugares do Brasil, o eco espontâneo diz sempre a mesma coisa: o Brasil cansou de ser uma sociedade na qual existe muita pobreza, na qual existe falta de compromisso das pessoas com a melhoria da vida. Cansou de ver descaso, corrupção, falta de atenção,

falta de dignidade. Ética na cidadania quer dizer dignidade para cada um dos brasileiros, para cada uma das brasileiras.

Há algum tempo, numa dessas solenidades de 7 de Setembro, eu disse que o novo nome da democracia são os direitos humanos, o novo nome da ética são os direitos humanos. Isso é um grito geral no nosso país.

Como é que se constrói uma sociedade melhor, uma sociedade que contenha esses anseios de ética, de cidadania, de dignidade? É através da escola, da educação e da família. O Ministro Paulo Renato mencionou alguns desses problemas, que são quase obsessivos, hoje: a violência, a droga, a falta de respeito. Tudo isso não se resolve, simplesmente, por decreto, por lei. Não. Resolve-se no dia-a-dia.

E a escola é, realmente, a peça fundamental para a modificação da nossa sociedade. A escola e a família. Eu acrescentaria algo mais: precisamos da ética, precisamos acreditar no País. Nós precisamos que as religiões se preocupem com a convivência das pessoas.

É fundamental que as pessoas entendam que é preciso uma base de coesão moral, uma base de relação humana. Sem isso, por mais que o País cresça, por mais que haja progresso, por mais que possamos, até, enriquecer, não vamos resolver as questões que estão aqui sendo colocadas, que são as questões fundamentais do ser humano.

Este é um momento importante do Brasil. Neste momento, nós estamos virando o milênio, nós estamos comemorando os 500 anos do descobrimento. Temos uma experiência histórica muito grande. É por isso que temos de ter o sentimento, dentro de nós, que é responsabilidade de cada brasileiro, de cada brasileira fazer algo para que o País avance na direção do que aqui está sendo pedido.

Não se trata apenas de pedir que, como se diz, os de cima façam. Os de cima têm que fazer. Mas se cada um de nós não fizer, não vai dar certo. Se não sentirmos, dentro de nós, a vontade de ajudar a mudar, de fazer com que as coisas caminhem, não vai dar certo.

E como um país que tem essa juventude só pode dar certo, tenho certeza de que cada um de nós vai se dedicar, cada vez mais, para melhorar, ainda que seja um pouquinho, a condição de um se relacionar com o outro – a condição da vida.

A vida implica a não-violência. Preocupa muito, a todos nós, a violência nas escolas, os crimes que, às vezes, se praticam, sobretudo, nas periferias mais pobres das grandes cidades, embora não seja somente aí, mas sobretudo aí, a falta de segurança que deriva disso. Deriva de uma sociedade que tem de ser, realmente, reconstruída. E reconstruída – repito – de baixo para cima e não só de cima para baixo.

Acredito que o esforço que está sendo feito acabará por dar o merecido prêmio àqueles que se esforçam. Durante os quatro anos passados, nós pudemos aumentar a matrícula nas escolas primárias do Brasil, no ensino básico das crianças até os 14 anos. Até então, 89% das crianças em idade escolar estavam matriculados. Agora, nós temos 96%, em quatro anos.

Pedi, recentemente, que o Brasil se esforçasse para termos o ideal de 100%. Toda criança na escola. Por que não? Vamos nos esforçar nessa direção.

Nós aumentamos a matrícula no ensino primário e no secundário em 40%. No ensino superior, em 28%. Isso tudo implica aumentar mais ainda, porque quando as pessoas vão se formando nas classes do ensino básico, se precisa de mais escola secundária. Quando termina o secundário, se precisa de mais vagas no ensino superior. É um esforço. Algo já foi feito. Muito mais tem que ser feito.

É claro que no centro disso, mesmo nessa questão da dignidade, está a condição de vida do professor e da professora. Aqui há professores de todo o Brasil. Se fossem do Nordeste, saberiam que, com o Fundo de Valorização do Professor que foi criado, nós conseguimos, de 97 para 98, aumentar, em média, 50% do salário dos professores das zonas mais pobres do Brasil. Como é possível aumentar 50%? É porque era tão baixo que, com um pouco mais, se dá um salto. Nunca é suficiente. Certamente, os que não são dessas cidades de renda mais baixa sabem que o salário não é aquilo que se deseja. Mas é preciso começar. É preciso sempre começar onde é mais necessário, onde está o mais pobre.

Isso tudo – repito – implica criarmos um clima de fraternidade no nosso país. Não vamos mudar o Brasil se ficarmos o tempo todo nos dividindo, brigando por coisas menores, não respeitando a vontade do

outro. Temos que ter um espírito de fraternidade, um espírito que nos leve a um entendimento crescente entre nós, não em termos políticos, mas em termos dos objetivos do País.

Precisamos ou não de ter todas as crianças na escola? Precisamos ou não melhorar o salário do professor? Precisamos ou não distribuir os parâmetros curriculares básicos, que são uma revolução no conteúdo do ensino? Precisamos ou não ter uma educação que seja diversificada? Aqui, temos as línguas indígenas sendo valorizadas outra vez. Se precisamos de tudo isso, nessas matérias não pode haver divisão, porque essa divisão não é algo que interessa a ninguém, a não ser aos oportunistas. Não interessa. O que interessa é que o Brasil avance.

Não quero terminar sem reiterar meus parabéns a todos que fizeram as frases, tão bonitas, aos professores, aos que trabalham no Ministério da Educação, silenciosamente e persistentemente, ao Ministro da Educação. Mas quero terminar com uma frase que uma moça me disse quando estávamos vindo para cá. Não sei quem foi que disse: “A gente precisa de mais animação.” Ela tem razão. A gente precisa de mais animação.

Então, depois desses discursos e depois desses prêmios, vamos conversar animadamente sobre o futuro de cada um de vocês e sobre o futuro do Brasil.

Muito obrigado.